

RICARDO COLER (2008), *O REINO DAS MULHERES: O ÚLTIMO MATRIARCADO*, SÃO PAULO, BRASIL, PLANETA.

O *reino das mulheres: O último matriarcado*, do jornalista e fotógrafo argentino Ricardo Coler, apresenta num estilo leve, poético e cheio de (bom) humor, o relato da viagem que o autor fez no Yunann, província do sul da China, ao encontro do povo *Mosuo*, povo budista de apenas 25 000 pessoas entre um bilhão de chineses, que mantém estruturas matriarcais, ou seja, onde as mulheres estão no comando. Ele quer saber o que acontece com os papéis masculinos e femininos, com a família, o trabalho, o amor, a sexualidade, a política e a violência, quando o machismo não está se apossando da vida.

Destacam-se figuras inesquecíveis, de homens e de mulheres:

Lei, o tradutor Han (da etnia ultra-majoritária da China), mais que provavelmente membro da polícia política, que aos poucos enfraquece suas múltiplas couraças ao ficar traduzindo as estranhíssimas entrevistas do estrangeiro mais que provavelmente maluco.

Yujin Shi, o machão guarda-florestal que usa seu uniforme 24 horas por dia, a maioria das quais transcorrem na frente da mesa de majongue, mas que nunca discute quando sua irmã mais velha, de voz forte e dura, lhe dá ordem de ajudar nas tarefas de casa.

Tsie e *Sanshie*, as vizinhas e grandes amigas (a amizade feminina é de suma importância), separadas pelo fato de que Tsie somente tem filhos, enquanto Sanshie engendrou três mulheres. (O governo chinês aceita até três filhos em lugar de um, no caso das minorias étnicas.) A herança e a conduta das coisas econômicas estão nas mãos das mulheres; assim Sanshie conseguiu construir uma fazenda próspera. Até o fim da sua vida, obedecendo à sua mãe ou às suas irmãs, os homens ajudam nas tarefas pesadas e são solicitados para tomarem

decisões importantes, como a ampliação da casa, a compra de um búfalo, uma viagem ou uma mudança. Todos, irmãos e irmãs, moram na casa da mãe.

Sinshie, filha de *Sanshie*, menina de 13 anos, cuja iniciação presenciamos. Após a festa, ela vai integrar seu quarto próprio, terá direito de receber seus amantes no seu quarto, na condição de eles chegarem após o pôr do sol e de saírem antes do seu nascer. O goro do rapaz, pendurado na entrada do quarto, indica a outros candidatos eventuais que já tem alguém trabalhando nas obras de *Vênus*. Para arrumar uma noite de prazer, é só pressionar três vezes a mão do rapaz escolhido, e se este quiser mostrar seu desempenho, é só ele responder do mesmo jeito. Às vezes, acontece em danças onde mulheres fazem círculo e se dão a mão, sedutoras, meio fracas, brincalhonas, sensuais e ternas, enquanto os homens, por uma vez bem machos, firmes e graves, fazendo círculo em movimento contrário, esperam o signo promissor após ambos os sexos quebrarem os círculos, ou até, tomam a iniciativa.

Tsunami Ana, avó de *Rugeshi* (que estuda jornalismo pluri-étnico em Beijing), que nos explica que a mãe fica durante um ano com seu bebê e após deve voltar para seu trabalho, no campo e em casa, enquanto a vó cuida da criança. Geralmente, nem a criança nem sua mãe sabe quem é o pai e as únicas figuras masculinas de casa são os tios por parte da mãe, os quais, entre duas sextas, pontuadas de pescas ou obras de construção civil, participam carinhosamente, com suas irmãs e sua mãe, da educação da criança. Com a segurança dada pela proteção da mãe e das irmãs, tanto o homem como a mulher *Mosuo* não tem nenhum interesse vital, como nós, em encontrar sua metade, o ou a parceira ideal, com quem compartilhar o cotidiano. Agora, como nós, não se satisfazem do mero prazer sexual, e gostam de conseguir alguém com quem compartilhar uma relação estável, o que geralmente implica conversas bonitas antes ou depois do amor, com direito de se encontrar no quarto um pouco mais cedo ou sair um pouco mais tarde, promessas de entrega física exclusiva, conhecimento da paternidade do filho ou melhor, da filha que pode nascer dessas noites mais compridas (o que muda nada na atitude de ninguém em relação à criança).

Chu Tsi tem os ombros caídos. É o único homem que convive com sua namorada titular, mãe dos seus filhos. A convivência foi a última opção, decidida de acordo com sua mãe e suas irmãs, por razões econômicas. A matriarca da casa para onde ele se mudou é sua própria filha mais velha, pois sua namora-

da já está velha e tem seu lugar reservado na sala comum, perto do fogo. Ouçamos o autor do livro, Ricardo Coler:

Quando pergunto para Chu Tsi se as filhas o impedem ou proibem de fazer alguma coisa, ele responde que não, em absoluto, salvo sair muito tempo de casa ou beber com os amigos. Neste momento, deixam de dar-lhe dinheiro. Do resto, na verdade, não tem inconvenientes, já que o poder está nas melhores mãos, as das mulheres.

A jovem *Li Jien Ma*, que nosso jornalista em poderes e potências femininas observou em frente da sua janela, sem esta perceber, se penteando com uma escova de cabo de prata, canta muito e muito bonito, toda manhã enquanto trabalha ou quando se arruma para um encontro. E os homens passam por aí, somente para ouvir a voz melodiosa, que brinca de desafinar, só pelo prazer. E nosso jornalista portenho não é insensível a essa jovem cujo sorriso ilumina mais a sala que a lamparina de petróleo, que se movimenta como se flutuasse no ar, e que é a primeira aluna das aulas de tango com as quais nosso herói arriscou-se de presentear seus amigos e, sobretudo, amigas moradoras das aldeias *Mosuo*. Mas Li Jien já previu conquistar Han Tsie, um coração acompanhado de virilidade, nesta noite, na festa da aldeia...

“Venha, venha dançar, venha, venha”, cantam sem cansar a ronda das mulheres, e frente a elas, de mãos dadas, a ronda dos homens. E os olhares se cruzam e capturam, e as mãos se apertam três vezes, no momento certo, quando já os pés, braços e corações se aqueceram. Um pouco distante, Coler, quase 50 anos, aproveita do ambiente relaxado para continuar sua investigação em matriarcado e aprende de *Nan Tsi Tsuma* —tristinha por ter acabado de terminar uma relação estável (ali chamada de *aberta*, por ser socialmente visível, com direito a noites mais longas), além de coisas que já contamos sobre o amor, quer aberto, quer fechado—, que nessa sociedade, toda forma de briga, de violência ou de apego à possessão de outrem é considerada vergonhosa: “As matriarcas não toleram nem festejam a rudeza entre as pessoas”. Assim, quando um amante furtivo está no quarto da bela, ele deve se retirar para deixar o lugar ao amante aberto, considerado titular. Mas os amantes em título podem escolher fidelidade mútua.

No capítulo 23, lindo número primeiro que fecha, com o livro, nosso prazer de conviver com essas mulheres rainhas, reaparece *Yasi Tu Ma*, linda e severa mulher que dirige, organiza e controle a casa onde o autor está hospedado, irmã mais velha da família, sempre atarefada, quase sem tempo para perceber a existência do estrangeiro. “É o tipo de mulher de que os homens gostam, muito jovem (25 anos), matriarca que dirige a propriedade; ela é considerada uma trabalhadora excelente e canta muito bem”. Mas não para acumular bens, e sim, para segurar o bem-estar de todos os membros da família. Ela aponta: “A mulher é mais eficiente e muito mais capaz que o homem. Isso explica o fato de elas estarem no comando”. Yasi tem uma relação aberta com um companheiro. De maneira estranha, ela confessa: “O que pretendo é estar apaixonada, e se para isso tiver que mudar, então mudo”. Mas ela pára de falar de si, e se interessa na vida amorosa do seu convidado: ela pretende lhe apresentar uma mulher *Mosuo*. Na foto que fecha o livro, tirada por Lei, o político-policial-intérprete já bem desestabilizado, “Yasi baixa sua mão para minhas costas e, sempre olhando para frente, belisca-me. Lei enfoca. Sorrio. Click”.

O governo chinês tentou obrigar o povo Mosuo de ter uma vida familiar e sexual conforme as normas do comunismo liderado pelos Han, ou seja, baseada na família ocidental burguesa, mononuclear, com casa para o casal, filhos legítimos e legitimados etcetera. Obviamente, foi um fracasso absoluto e o governo reconheceu o direito de os Mosuo manterem os seus costumes ancestrais.

Não se falou de homossexualidade, mas não se sabe também se, na China puritana, os possíveis relacionamentos entre parceiros e parceiras do mesmo gênero podiam ser confiados a um jornalista argentino de passagem!

Eis o que tenho para passar no que diz respeito às informações contidas neste livro prazeroso e instigante. Refletindo um pouco juntos: nas minhas próprias viagens exóticas, em países do Pacífico de cultura totêmica e patriarcal, muitas vezes me foi dito por homens que na sociedade, devia ter equilíbrio entre os gêneros. Tendo as mulheres o poder de dar luz, não podem também ter o poder de falar publicamente, a não ser que sejam menopausadas, nem de conhecer os objetos sagrados mais importantes. E as mulheres me diziam: temos um jeito de dar nossa visão das coisas em assembleias, sem termos necessidade de falar —é só fazer com que um homem fale para nós; e temos papéis importantes no conhecimento das ervas e de certas magias.

Lá, os pais são muito carinhosos com as crianças e, contrariamente aos Mosuo, há uma extreme distância com as irmãs. Quem é o dono do sangue de uma criança é um entre seus tios por parte da mãe. Os clãs utilizam as mulheres como moeda, para segurarem alianças políticas fortes, através dos filhos a nascer, controlados pelos tios uterinos. E dar uma mulher obriga quem se beneficiou da troca a dar uma mulher de volta, às vezes, uma ou duas gerações depois. As mulheres também são utilizadas para que se equilibrem as relações de poder, além de permitirem a constituição de laços duradores entre clãs. Assim, um clã recentemente acolhido numa aldeia dará uma mulher ao “chefe”, ou seja, àquele que personifica a aliança dos clãs, e terá, pelo tio uterino, o maior poder sobre os filhos do “chefe” com essa moça.

Tomei esse exemplo contrastivo para refletirmos sobre o papel da maternidade e da paternidade nos estatutos de poder entre os gêneros. Podemos ainda contrastar com a cultura baiana (e sul-americana, e mediterrânea), onde há, ao mesmo tempo, um machismo onipresente e uma dependência forte de todos, principalmente homens, para com a mãe e para com a misteriosa, sagrada, maternidade. Já me foi contado o caso de uma mulher dizendo para sua filha: “O importante é a mãe e a família da mãe. Os seus irmãos por parte do pai não são seus verdadeiros irmãos”, para justificar sua recusa de dividir em 50-50 o pátrio-poder, conforme o desejo do pai, macho razoavelmente evoluído, ou seja, que sempre dividiu 50-50 as responsabilidades nas tarefas domésticas e contraceptivas, e que está desenvolvendo um papel impar na educação da menina.

Aí vem o mistério: é necessário, para nos libertar da dominação masculina, o enfraquecimento da responsabilidade educacional e afetiva do genitor? Não podemos sonhar com matriarcas Mosuo que dariam um direito de visita infinito ao pressuposto genitor, mesmo no caso de ter vários candidatos à putativa paternidade? Nas sociedades que conheci no Pacífico, todo mundo tem várias mães (a genitora e suas irmãs) e vários pais (o genitor e seus irmãos), pode morar na casa de um ou de outro, além de ter acreditado, no passado, segundo os antropólogos, que os genitores machos eram espíritos da mata, e não seres humanos.

Ficou claro na leitura de Ricardo Coler que, para entender bem as relações entre gêneros, há de estudar as relações entre gerações. Fica em aberto. Outra

coisa: nós vivemos o mito (e, no pacote, a infelicidade com garantia ISO-9001), do ou da parceira ideal, alma gêmea, mãe ou pai edipiano perdido. Com cereja no bolo: a agressividade.

JACQUES GAUTHIER*

Estudos Culturais e de Formação para a Pesquisa na
Centro Universitario Jorge Amado (UNIJORGE), Salvador, Bahia

D.R. © Jacques Gauthier, México, D.F., enero-junio, 2009.

* jacques.jupaty@terra.com.br